

DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO EM MÚSICAS: UMA INVESTIGAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA

Categoria do Trabalho – Artigo Completo

Lara Garcez de Paula - graduanda em Letras (Unifatea)

Me. José Augusto Diniz - orientador (Unifatea)

laragarcez2001@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, focalizam-se os aspectos fonético e fonológico, tão comumente esquecidos ou, quando muito, relegados a uma situação de somenos importância durante as aulas de Língua Portuguesa. Especificamente, são abordados os fenômenos da monotongação e da ditongação presentes em letras de músicas do gênero Música Popular Brasileira, doravante MPB. Neste trabalho, são apresentados dados de uma pesquisa, inserida no campo da Linguística Aplicada, cuja análise objetivou identificar ocorrências de ditongação e de monotongação presentes em músicas do gênero musical MPB, bem como investigar as contribuições desses fenômenos para a construção sonoro-musical. A pesquisa justifica-se, na medida em que os elementos sonoros são negligenciados em abordagens textuais, sobretudo em análises realizadas em salas de aula da educação básica. A pesquisa baseia-se nas contribuições teóricas de Coutinho (1976) e de Câmara Junior (1975), para expor brevemente a história da Língua Portuguesa; de Bagno (1999), para abordar a temática da heterogeneidade linguística; de Massini-Cagliari (2016), para tratar sobre o fenômeno fonético-fonológico de ditongação e de monotongação. Este artigo é desenvolvido a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, mediante revisão de literatura. Desse modo, são analisadas as músicas “Águas de Março”, de autoria de Tom Jobim; “Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor”, composta por Lô Borges e Márcio Borges, e “Mania de Você”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho, buscando a identificação dos fenômenos fonético-fonológicos monotongação e ditongação. Dessa forma, nesse trabalho, por meio da identificação e apontamento desses fenômenos fonético-fonológicos nas músicas citadas, visou-se estimular a consciência fonético-fonológica e a discussão desse tema.

Palavras-chave: Linguística. Fonética. Fonologia. Ditongação. Monotongação. Análise de Músicas.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, focalizam-se os aspectos fonético e fonológico, tão comumente esquecidos ou, quando muito, relegados a uma situação de somenos importância durante as aulas de Língua Portuguesa (Massini-Cagliari, 2016). Especificamente, são abordados os fenômenos da monotongação e da ditongação presentes em letras de músicas do gênero Música Popular Brasileira, doravante MPB.

Neste trabalho, são apresentados dados de uma pesquisa, inserida no campo da Linguística Aplicada, cuja análise objetivou identificar ocorrências de ditongação e de monotongação presentes em músicas do gênero musical MPB, bem como investigar as contribuições desses fenômenos para a construção sonoro-musical.

A pesquisa justifica-se na medida em que os elementos sonoros são negligenciados em abordagens textuais, sobretudo em análises realizadas em salas de aula da educação básica. Dessa forma, este trabalho busca contribuir para essa discussão e incentivar a identificação e a análise da dimensão sonora em produções escritas e orais, a fim de estimular uma consciência fonético-fonológica.

A pesquisa baseia-se nas contribuições teóricas de Coutinho (1976) e de Câmara Junior (1975), para expor brevemente a história da Língua Portuguesa; de Bagno (1999), para abordar a temática da heterogeneidade linguística; de Massini-Cagliari (2016), para tratar sobre o fenômeno fonético-fonológico de ditongação e de monotongação.

Este artigo é desenvolvido a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, mediante revisão de literatura. Esse método de pesquisa consiste em um levantamento teórico “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Desse modo, são analisadas as músicas “Águas de Março”, de autoria de Tom Jobim, “Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor”, composta por Lô Borges e Márcio Borges, e “Mania de Você”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho, do gênero musical MPB, buscando a identificação dos fenômenos fonético-fonológicos monotongação e ditongação.

Para fins organizacionais, o artigo está subdividido nas seguintes seções: um breve resumo da História da Língua Portuguesa pautado em Câmara Júnior (1975) e em Coutinho (1976); A questão da fala *versus* a escrita baseado em Marcuschi (2010); Os fenômenos fonético-fonológicos Monotongação e Ditongação e a Análise das músicas selecionadas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inicialmente havia apenas o latim. Quando ele se torna um mecanismo para criar literatura, essa língua diferencia-se em duas variedades: a clássica, a qual, considerada inflexível, era usada na escrita e teve como apogeu os períodos de Cícero e de Augusto, e a vulgar, a qual era usada pela população menos favorecida de Roma e posteriormente por todo o povo. Essas duas categorias do latim, a literata e a coloquial, são denominadas pelos romanos, respectivamente, como *sermo urbanus* e *sermo vulgaris* (Coutinho, 1976).

O latim vulgar introduzido pelo povo romano na Lusitânia, localizada na Península Ibérica, deu origem à língua portuguesa. Vale mencionar que essa área, rica em minerais preciosos, despertou a ambição de outros povos. Dessa forma, fenícios e gregos enfrentaram-se pela posse desse território. Com a derrota dos gregos, os fenícios estabeleceram-se na costa meridional da Península, em 1.100 a.C. Contudo, como os fenícios não eram colonizadores, não percorreram o interior da extensão territorial conquistada. Desse modo, assim que seu poder marítimo se enfraqueceu, não mantiveram sua independência e acabaram desaparecendo (Coutinho, 1976).

Posteriormente, no século V a.C., os celtas ocuparam a Península Ibérica, sobretudo, a Galécia e as regiões altas do centro de Portugal. Acredita-se que houve outra incursão no século III a.C. Deve-se observar que a dominação celta não ocorreu de maneira pacífica. Isso é notado pelo fato de os celtas viverem em cidadelas robustas. Além disso, a convivência entre celtas e iberos causou sua fusão, por consequência, resultou nos povos denominados celtiberos (Coutinho, 1976).

Por seu turno, Roma estava preocupada com o desenvolvimento de Cartago. Por essa razão, as duas nações entraram em guerra, que perdurou de 264 a.C. a 146 a.C. A população da Península cedeu e aceitou o latim, o qual não foi imposto por meio de violência, pois tinha o status de língua oficial e era o idioma veiculado em escolas. Vale observar que apenas o povo basco continuou a usar seu próprio idioma para comunicar-se (Coutinho, 1976).

A invasão dos povos germânicos teve início no século V; o latim, muito desenvolvido, sofreu poucas influências dos bárbaros. O idioma permaneceu sobre o domínio dos Suevos – estabelecidos no litoral atlântico, do Tejo para cima – e durante o jugo dos Visigodos, dominantes do resto da Península. Por fim, triunfaram sobre os Suevos. Após esse período, no século VIII, ocorre a fixação dos árabes na Península Ibérica. Nessa época, o latim já estava muito diferente de sua forma original e continuou a evoluir por meio dos povos dominados – os moçárabicos; enquanto isso, o latim hispânico era isolado na região norte, local de uma

resistência cristã. Houve, então, as Cruzadas, durante a Reconquista cristã, e a língua latina dos cristãos misturou-se ao moçarábico. A esse tempo o latim era chamado romanço (Câmara Junior, 1975).

No contexto das Cruzadas, formaram-se os reinos de Leão, Castela e Aragão. A nacionalidade portuguesa, entretanto, inicia-se com D. Afonso Henrique, proclamado rei de Portugal em 1.143. Anteriormente, o romance proferido nessa região transformou-se no dialeto galaico-português, o qual distinguiu-se em português e galego com a independência de Portugal. Ademais, do século XII, datam textos escritos inteiramente em português. Outrossim, o século XVI é visto como a época de ouro da literatura portuguesa, que contou com autores como Sá de Miranda, Camões e Gil Vicente. Com o passar das décadas, a língua portuguesa envereda-se para o Atlântico, a Ásia, a África e a Terra de Santa Cruz. (Coutinho, 1976)

O ensino de português no Brasil é pautado, ainda hoje, pelo português de Portugal, em consequência disso surge o mito de que “brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português”. Devido a isso, acredita-se ser difícil aprender o português, pois é necessário decorar muitas regras que não usam ao falar a língua e que não são condizentes com o uso brasileiro do português (Bagno, 1999). A perspectiva da variante culta ser a verdadeira língua e digna de respeito origina o preconceito linguístico. Sobre isso, Bagno (1999, p. 18) pontua:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (Bagno, 1999, p. 18)

Destarte, nota-se a importância de validar as diversas variedades da língua portuguesa. Até mesmo no meio escolar, há variantes em que é comum dizer, por exemplo, **Cráudia** e **chicrete** em vez de **Cláudia** e **chiclete**. Por falarem assim, os falantes dessa variedade são considerados ignorantes. No entanto, essa troca do “r” pelo “l” é explicado pelo fenômeno fonético denominado rotacismo, o qual modificou palavras antigas, como blank>branco, de origem germânica e plata>prata, de origem provençal (Bagno, 1999).

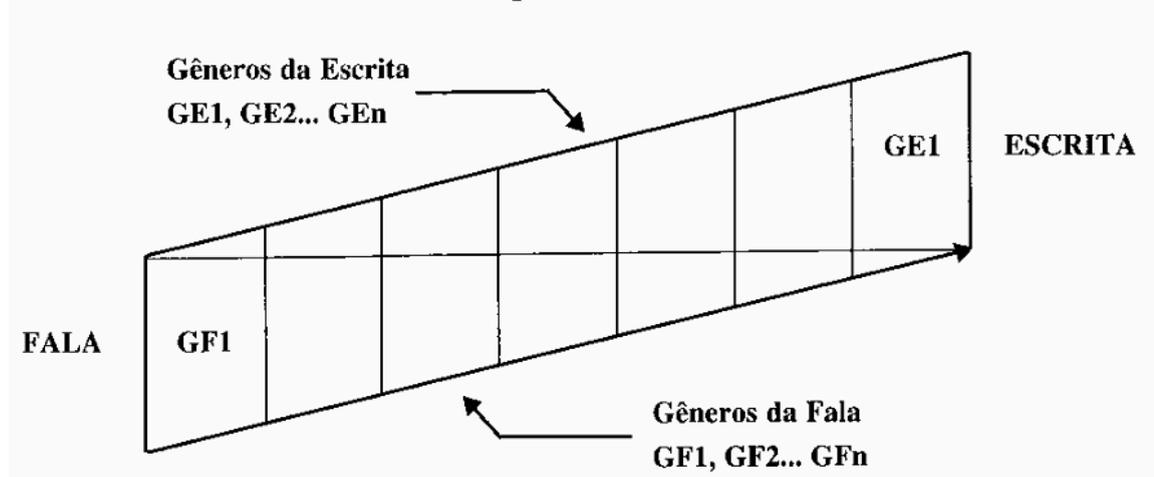
Esse estigma também recai em quem escreve “pexe”, “oro”, “caxa”, em vez de “peixe”, “ouro” e “caixa”. Consoante Bagno (1999), essas palavras são pronunciadas assim devido ao fenômeno da monotongação, o qual faz com que esses ditongos percam sua semivogal. Isso evidencia que a língua é falada oralmente de diferentes jeitos e com diferentes sotaques, o que é natural e não deve ser restringido aos falantes do idioma.

A QUESTÃO DA FALA *VERSUS* A ESCRITA

A ideia de a escrita ser superior à fala é muito difundida, por ser considerada **complexa**, **planejada** e **padrão**, enquanto a fala é tida como **simples**, **espontânea** e **não padrão**. No entanto, essa dicotomia entre fala e escrita é incoerente, visto que “ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.”. (Marcuschi, 2010, p. 17)

Dessa forma, segundo Marcuschi (2010), uma distinção mais adequada seria “oralidade” e “letramento” enquanto práticas sociais e “fala” e “escrita” como modalidades de uso da língua. Além disso, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (Marcuschi, 2010, p. 34). Assim, a fala e a escrita se justapõem, formando um *continuum* no qual os gêneros textuais ocorrem, como é possível observar no Gráfico 1,

Gráfico 1. Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.



Fonte: Marcuschi, 2010, p. 38.

Como é possível notar no gráfico acima, elaborado por Marcuschi (2010), há gêneros que pertencem predominantemente ao domínio linguístico da fala. A exemplo disso, pode-se mencionar uma conversa espontânea. Outros, por sua vez, pertencem majoritariamente ao da escrita, como o artigo científico. Contudo, há textos, produzidos nos mais variados contextos históricos e sociais, os quais apresentam características dos dois domínios, por isso são chamados “mistos”. A título de exemplo, o jornal televisivo, embora seja um texto considerado oral, nele, notam-se partes escritas e planejadas previamente. Com isso, apresenta

características da fala e da escrita. Outro caso seriam as mensagens trocadas pelo aplicativo Whatsapp entre amigos e familiares. Nelas, apesar de haver predominância escrita, há grande presença da oralidade.

Ainda, consoante Marcuschi (2010), é possível apontar a oralidade e a escrita como pertencentes ao mesmo sistema de língua, com especificidades únicas, isto é, a escrita não é uma representação direta da fala. Ademais, o texto falado é acompanhado de diversos elementos extralinguísticos, como a entonação, as expressões faciais, os gestos, entre outros. Paralelamente, os textos escritos ocorrem, muitas vezes, junto de recursos gráficos e visuais, como diversas fontes e cores de letras, imagens etc. À vista disso, os textos se sobrepõem sob variados aspectos, como é possível observar no Quadro 1:

Quadro 1

Gênero textual	Meio de produção		Concepção discursiva		Domínio
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita	
Conversação espontânea	X		X		a
Artigo científico		X		X	d
Notícia de TV	X			X	c
Entrevista publicada na Veja		X	X		b

Fonte: Marcuschi, 2010, p. 40.

No quadro acima, observam-se os principais critérios que situam os gêneros textuais no *continuum* entre fala e escrita, sendo eles: meio de produção, subdividido em sonoro e gráfico; concepção discursiva, subdividida em oral e escrita. Além disso, notam-se quatro gêneros, dos quais um pode ser considerado o protótipo da fala - a conversação espontânea - e outro pode ser tomado como o protótipo da escrita - o artigo científico. Há, ainda, gêneros mistos como a notícia de TV, na qual o meio de produção é sonoro, mas a concepção discursiva é escrita, e a entrevista publicada na Veja, na qual o meio de produção é gráfico, no entanto a concepção discursiva é oral.

OS FENÔMENOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS MONOTONGAÇÃO E DITONGAÇÃO

Os fenômenos fonético-fonológicos, segundo Cagliari (2002), são as modificações sonoras que se realizam nas configurações básicas dos morfemas, ao ocorrerem de modo fonético. Alguns desses fenômenos são apresentados por Barbosa (2016), como: o desvozeamento, caracterizado pela permuta de sons sonoros por surdos, por exemplo, substituir o som sonoro /b/ pelo som surdo /p/; o apagamento, que é a declinação de fonemas em sílabas átonas, por exemplo, **nadar**>**nadá**Ø; a síncope, a qual é o apagamento de um fonema presente no meio da sílaba, observado em **fósforo** quando pronunciada como **fósforo** e a monotongação, definida como o “apagamento da semivogal nos ditongos crescentes e decrescentes (exemplo: “banh[ej]ro”>”banh[e]ro”).

Ainda, segundo Barbosa (2016), diversas pesquisas demonstram que, entre os traços de oralidade observados na escrita derivados de processos fonético-fonológicos, está a ocorrência de palavras monotongadas ou ditongadas. Ademais, um conceito relevante para a presente discussão é o de ditongação, o qual, segundo Dubois et al. (2001, p. 202), “é a mudança fônica resultante de alternância sincrônica ou de evolução diacrônica; essa mudança se deve à segmentação de uma vogal em duas partes, formando uma única sílaba, ou à redução de um hiato e a um ditongo”. Além desse conceito, ditongo, segundo Silva (2003, p. 94), é:

Um ditongo consiste de uma sequência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal e o outro é interpretado como um glide (cf. seção 10, para uma discussão dos aspectos fonéticos envolvidos na descrição de ditongos). O segmento interpretado como vogal no ditongo é aquele que tem proeminência acentual (ou seja, conta como uma unidade em termos acentuais). O segmento interpretado como glide no ditongo não tem proeminência acentual. Em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba [...].

Dessa forma, os ditongos subdividem-se em: decrescentes, por exemplo, **céu** e **leite**, e crescentes, isto é, nos casos em que a semivogal antecede a vogal, observado em **sério** e **água** (Barbosa, 2016).

O oposto de ditongação é o fenômeno da monotongação, o qual, segundo Seara (2011), ocorre quando o ditongo passa a ser realizado como uma única vogal, devido ao apagamento do glide.

MÉTODO

Este artigo é desenvolvido a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, mediante revisão de literatura. Esse método de pesquisa consiste em um levantamento teórico “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Desse modo, são analisadas as músicas “Águas de Março”, de autoria de Tom Jobim, “Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor”, composta por Lô Borges e Márcio Borges, e “Mania de Você”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho, do gênero musical MPB, buscando a identificação dos fenômenos fonético-fonológicos monotongação e ditongação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

ANÁLISE DAS MÚSICAS

Baseando-se no quadro teórico exposto acima, serão analisadas as músicas “**Águas de Março**”, de autoria de Tom Jobim, “**Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor**”, composta por Lô Borges e Márcio Borges e “**Mania de Você**”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho.

A canção “Águas de Março” foi composta por Tom Jobim em 1972 em um sítio em Poço Fundo, Rio de Janeiro, em um ambiente repleto de natureza, o sucesso dessa composição consolidou-se por meio da versão cantada com Elis Regina em 1974. Na letra da música, observa-se, nas 2^a, 3^a e 4^a estrofes, a ocorrência de monotongação, isto é, nesses trechos, ditongos são pronunciados como monotongos, visto que passaram pelo processo de monotongação.

É peroba do campo, é o nó da **madeira**

Caingá, candeia, é o Matita **Pereira**

É madeira de vento, tombo da **ribanceira**

É o mistério profundo, é o queira ou não **queira**

Na segunda estrofe da música “Águas de Março” exposta acima, estão destacadas as palavras presentes nos finais dos versos com as mesmas sílabas tônicas que configuram rima, a qual, segundo Massini-Cagliari (2016, p. 18), “opera um eco sonoro no final dos versos, fazendo coincidir todos os sons vocálicos e consonantais a partir da vogal tônica da última palavra”. Nesses termos em negrito, ocorre o processo de monotongação, haja vista que **madeira** é pronunciada como **madeØra**, **Pereira** como **PereØra**, **ribanceira** como **ribanceØra** e **queira** como **queØra**, pois perderam o glide [y].

A música “Quem sabe isso quer dizer amor”, de autoria dos irmãos Márcio e Lô Borges, lançada no álbum Pietá, em 2002, na voz de Milton Nascimento, aborda o amor de forma simples, porém impactante. Ela alcançou ainda mais sucesso e repercussão quando fez parte da trilha sonora da novela Alma Gêmea, exibida pela emissora televisiva Globo no ano de 2005.

Pensei no tempo, e era tempo **demais**

Você olhou sorrindo pra mim

Me acenou um beijo de **paz**

Virou minha cabeça

Na 5^a estrofe dessa composição, posta acima, ocorre o processo de ditongação na palavra **paz**, presente no terceiro verso, pois é pronunciada como **pa[y]z**, isto é, foi adicionada o glide [y] à sua estrutura. Isso se torna mais evidente após observar que esse termo rima com **demais**.

A composição “Mania de Você”, composta por Roberto de Carvalho e Rita Lee - a qual é uma referência na música para mulheres -, foi lançada em 1979, e é uma das músicas mais famosas da cantora, que apresenta teor sensual. As 1^a e 4^a estrofes são idênticas e repetem-se na canção como recorrência, elemento que, segundo Massini-Cagliari (2016), refere-se à repetição de

sílabas, palavras, trechos etc. e garante a coesão ao texto. Nessas estrofes, a palavra **roupa** passa pelo fenômeno monotongação, haja vista que o ditongo [ow] tem tendência de monotongar-se diante de qualquer contexto, segundo Barbosa (2016), e é pronunciado como **roOpa** ao ter o glide [w] apagado.

Meu bem, você me dá água na boca

Vestindo fantasias, tirando a **roupa**

Molhada de suor de tanto a gente se beijar

De tanto imaginar loucuras

Essa monotongação torna-se mais evidente, pois observa-se que **roupa**, nas 1^a e 4^a estrofes, rima com **boca**, a qual não possui a semivogal [w].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou abordar elementos sonoros que são negligenciados em abordagens textuais, sobretudo em análises realizadas em salas de aula da educação básica. Dessa forma, nesse trabalho, buscou-se contribuir para essa discussão por meio da identificação dos fenômenos fonético-fonológicos ditongação e monotongação nas músicas “Águas de Março”, de autoria de Tom Jobim, “Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor”, composta por Lô Borges e Márcio Borges e “Mania de Você”, escrita por Rita Lee e Roberto de Carvalho, a fim de estimular a consciência fonético-fonológica e a discussão desse tema.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BARBOSA, Juliana Bertucci. Meu aluno escreve “pexe”! Contribuições da Fonologia para entender desvios de escrita. In: ABREU, Antônio Suárez; SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. Ensino de Português e Linguística: Teoria e Prática. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016. P. 33-48.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. Educar em Revista, Curitiba, vol. 20, n. 1, p. 43-58, 2002.

CAMARA JR., J. Mattoso. História e estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DUBOIS, Jean et al. Dicionário de Linguística. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LETRAS. A história da música Mania de Você, da Rita Lee, 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/historia-da-musica-mania-de-voce/>. Acesso em: 1 mai. 2024.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita - atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Brincando com os sons da língua: Explorando os níveis fonético e fonológico. In: Abreu, Antônio Suárez; Sperança-Criscuolo, Ana Carolina. (Org.). Ensino de Português e Linguística: Teoria e prática. 1ed. São Paulo: Contexto, 2016. P. 15-32.

PORTAL UNIT. MPB: Saiba a história do clássico “Águas de Março”, 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/mpb-saiba-a-historia-do-classico-aguas-de-marco/>. Acesso em: 1 mai. 2024.

SEARA, I., et al.. **Fonética e fonologia do Português Brasileiro**. UFSC, 2011.

SILVA, T. C. S. **Fonética e Fonológica do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2003

VERSOS E PROSAS. **Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor: conheça a história da música de Milton Nascimento**, 2022. Disponível em: <https://versoseprosas.com.br/historia-da-musica/quem-sabe-isso-quer-dizer-amor-conheca-a-historia-da-musica-de-milton-nascimento/>. Acesso em: 1 mai. 2024.

Anexos

Águas de Março

É pau, é pedra, é o fim do caminho

É um resto de toco, é um pouco sozinho

É um caco de vidro, é a vida, é o Sol

É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol

É peroba do campo, é o nó da madeira

Caingá, candeia, é o Matita Pereira

É madeira de vento, tombo da ribanceira

É o mistério profundo, é o queira ou não queira

É o vento ventando, é o fim da ladeira

É a viga, é o vão, festa da cumeeira

É a chuva chovendo, é conversa ribeira

Das águas de março, é o fim da canseira

É o pé, é o chão, é a marcha estradeira

Passarinho na mão, pedra de atiradeira

É uma ave no céu, é uma ave no chão

É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão

É o fundo do poço, é o fim do caminho

No rosto, o desgosto, é um pouco sozinho

É um estrepe, é um prego, é uma ponta, é um ponto

É um pingo pingando, é uma conta, é um conto

É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando
É a luz da manhã, é o tijolo chegando
É a lenha, é o dia, é o fim da picada
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada

É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um resto de mato, na luz da manhã

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

É uma cobra, é um pau, é João, é José
É um espinho na mão, é um corte no pé

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um belo horizonte, é uma febre terçã

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

Pau, edra, im, inho
Esto, oco, ouco, inho
Aco, idro, ida, ol, oite, orte, aço, zol

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

Composto por Tom Jobim

Quem Sabe Isso Quer Dizer Amor

Cheguei a tempo de te ver acordar
Eu vim correndo à frente do sol
Abri a porta e antes de entrar
Revi a vida inteira

Pensei em tudo que é possível falar
Que sirva apenas para nós dois
Sinais de bem, desejos de cais
Pequenos fragmentos de luz

Falar da cor dos temporais
Do céu azul, das flores de Abril
Pensar além do bem e do mal
Lembrar de coisas que ninguém viu

O mundo lá sempre a rodar
Em cima dele, tudo vale
Quem sabe isso quer dizer amor?
Estrada de fazer o sonho acontecer

Pensei no tempo, e era tempo demais
Você olhou sorrindo pra mim
Me acenou um beijo de paz
Virou minha cabeça

Eu simplesmente não consigo parar
Lá fora o dia já clareou
Mas se você quiser transformar
O ribeirão em braço de mar

Você vai ter que encontrar
Aonde nasce a fonte do ser
E perceber meu coração
Bater mais forte só por você

O mundo lá sempre a rodar
Em cima dele, tudo vale
Quem sabe isso quer dizer amor?
Estrada de fazer o sonho acontecer

Composto por Lô Borges e Márcio Borges

Mania de Você

Meu bem, você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa
Molhada de suor de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

A gente faz amor por telepatia
No chão, no mar, na Lua, na melodia
Mania de você, de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

Nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você
Nada melhor do que não fazer nada

Só pra deitar e rolar com você

Meu bem, você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa
Molhada de suor de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

A gente faz amor por telepatia
No chão, no mar, na Lua, na melodia
Mania de você, de tanto a gente se beijar
De tanto imaginar loucuras

Nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você
Nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você
Com você, com você

Nada melhor, nada melhor
Do que não fazer nada
Nada, nada melhor do que não fazer nada
Só pra deitar e rolar com você

Rolar, rolar, rolar, rolar com você
Rolar, rolar, rolar, rolar com você

Composto por Rita Lee e Roberto de Carvalho